

ORIBEL

CULTURA & INFORMAÇÃO

AGOSTO

20

26

OLÍMPIA

A CIDADE QUE FEZ DO
FOLCLORE UMA IDENTIDADE



CARTA AO *Leitor*



Suellen Cicotti Históriadora,
Jornalista, Escritora e
Gerente de Projetos.
Fundadora da Oribel ONG.

Caro leitor,

É com grande carinho que apresentamos a ORIBEL Cultura e Informação, uma revista gratuita criada para aproximar pessoas de histórias, ideias, manifestações culturais e diferentes formas de enxergar o mundo.

Como escritora e pesquisadora, acredito que informar também é uma forma de transformar. A cultura está presente na música, no teatro, na dança, nas festas populares, na literatura, nas tradições e, principalmente, nas pessoas que dedicam suas vidas a manter essas histórias vivas.

Por isso, cada edição nasce de uma pesquisa, de uma conversa, de uma descoberta e do desejo de compartilhar conhecimento de maneira acessível. Acreditamos que o conhecimento é um direito de todos, e que a leitura pode abrir portas, despertar curiosidades e nos levar a lugares que talvez nunca tivéssemos imaginado conhecer.

Nesta revista, queremos falar de cultura sem distância e sem complicação. Queremos apresentar artistas, pesquisadores, mestres, grupos e comunidades, dando visibilidade a histórias que muitas vezes não chegam aos grandes espaços.

Queremos também que você se permita descobrir. Que uma reportagem desperte uma pergunta, que uma história provoque uma lembrança, que um personagem inspire você e que, ao fechar estas páginas, exista o desejo de conhecer ainda mais.

Porque quando conhecemos nossa cultura, conhecemos um pouco mais de nós mesmos. Que a ORIBEL Cultura e Informação seja esse lugar de encontro entre você e as histórias que fazem o nosso Brasil ser tão diverso, criativo e cheio de vida.

Boa leitura. Que estas páginas despertem sua curiosidade e façam você se apaixonar ainda mais pela cultura e pelas palavras.
Com Carinho;

Suellen Cicotti

EDITORIAL



Associação Oribel
Fundada em 2023
Editora : Suellen Cicotti
CNPJ :52.153.951/0001-02



Diretora de Redação :
Suellen Cicotti **Editores**
Diego Anástacio e Camila
Guerrera. **Designers:** Otto
Carvalho.
Colaboração: Suellen
Cicotti (texto)

Redação e correspondência:
Rua Prof Ciridiao Buarque
75, Bloco 1 sl 73A
Vila Anglo Brasileira
São Paulo-SP
05028-000

Contato e informações :
contato@oribel.org.br
(21) 9 7286-0452

SUMÁRIO

FEFOL: UMA HISTÓRIA QUE COMEÇOU NA ESCOLA E SE TRANSFORMOU EM UM DOS MAIORES ENCONTROS DA CULTURA POPULAR BRASILEIRA	04
--	----

FEFOL: MUITO ALÉM DE UM FESTIVAL	06
----------------------------------	----

FEFOL EM NÚMEROS	10
------------------	----

OS PROTAGONISTAS da FEFOL 2026	13
--------------------------------	----

UILAMES uma vida dedicada à arte e à transformação através da cultura	15
---	----

A Rainha Melissa Morelli	18
--------------------------	----

Quando tentar de novo muda tudo	19
---------------------------------	----

A cultura amplia horizontes	20
-----------------------------	----

Victor elegância e presença no palco	21
--------------------------------------	----

Quando a cultura faz a gente pertencer	22
--	----

De Sergipe para Olímpia: um encontro de cores, memórias e tradições	23
---	----

Realização:

Oribel
Viabilizando a Cultura

Oribel
Rio

FEFOL: Uma história que começou na escola

E SE TRANSFORMOU EM UM DOS MAIORES
ENCONTROS DA CULTURA POPULAR
BRASILEIRA

Há histórias que começam grandes. A do Festival do Folclore de Olímpia, o FEFOL, começou de uma maneira muito mais simples: dentro de uma escola, a partir da curiosidade de professores e estudantes pelo folclore brasileiro.

Na década de 1950, o professor José Sant'anna, durante sua atividade pedagógica em Olímpia, passou a desenvolver pesquisas, estudos e exposições sobre o folclore com seus alunos. O trabalho inicialmente acontecia no ambiente escolar, mas pouco a pouco ultrapassou os muros da escola e chegou a outros espaços da cidade.

O que começou como uma experiência de educação e pesquisa transformou-se, em 1965, no 1º Festival do Folclore de Olímpia. A primeira edição contou com a participação de professores, estudantes e artistas, e marcou o nascimento de um evento que, ao longo das décadas, cresceria até se tornar uma referência nacional na preservação e celebração da cultura popular.

A trajetória do FEFOL é especialmente significativa porque demonstra como educação, memória e cultura podem se transformar em política permanente de preservação. O festival não nasceu simplesmente como um grande evento turístico. Nasceu do desejo de estudar, compreender e valorizar as manifestações culturais brasileiras.



Professor José Sant'anna

Com o passar dos anos, o encontro deixou de privilegiar apenas manifestações locais e regionais e passou a receber grupos folclóricos e parafolclóricos de diferentes partes do Brasil.

Olímpia tornou-se, assim, um ponto de encontro de sotaques, ritmos, danças, músicas, religiosidades, personagens e tradições que revelam a enorme diversidade cultural do país. O próprio FEFOL se define como um encontro da cultura brasileira e destaca sua contribuição para preservar a cultura popular e movimentar também o comércio, o turismo e os serviços da cidade e da região.

A dimensão alcançada pelo festival impressiona. Criado em 1965 e realizado ininterruptamente desde então, o FEFOL chegou em 2026 à sua 62ª edição, consolidando uma trajetória de mais de seis décadas.

E há algo ainda mais bonito nessa história: o festival não ficou restrito aos palcos.

A experiência construída por José Sant'anna também contribuiu para a criação de uma estrutura permanente de valorização do folclore em Olímpia. Em 1966, foi criado o Departamento de Folclore de Olímpia, voltado ao incentivo do estudo do folclore por meio de cursos, conferências e exposições. O Museu de História e Folclore Maria Olímpia também nasceu desse mesmo movimento de pesquisa e preservação.

É por isso que falar do FEFOL é falar de muito mais do que um festival.

É falar de memória institucionalizada.

É falar de uma cidade que transformou o folclore em parte permanente de sua identidade.

É falar de crianças que aprenderam sobre cultura popular na escola e, décadas depois, viram suas comunidades e suas tradições ocuparem um dos maiores encontros culturais do país.

E é justamente essa história que torna tão significativa a presença do Rio de Janeiro como estado homenageado na 62ª edição do FEFOL, em 2026.

O anúncio aconteceu durante a 61ª edição, em agosto de 2025, e foi recebido como um reconhecimento à cultura fluminense. Em 2026, o Rio chegou a Olímpia com dez grupos, formando a maior delegação visitante daquela edição.

O tema escolhido para 2026 foi “Aquele Abraço”, e o festival reuniu grupos das cinco regiões brasileiras.

E é aqui que começa a nossa história sobre o FEFOL.

Porque, nesta edição da Revista Oribel Cultura e Informação, não queremos apenas contar o que aconteceu em Olímpia.

RETROSPECTIVA DOCUMENTAL FOLCLÓRICA

Por: Rosiane da Silva Nunes e Ana Maria Bertolino

Em 09 edições de nossos Festivais não foram impressos cartazes de divulgação dos mesmos.

- 1º Festival do Folclore, 29 a 31 de agosto de 1965
- 2º Festival do Folclore, 22 a 31 de agosto de 1966
- 3º Festival do Folclore, 28 a 31 de agosto de 1967
- 4º Festival do Folclore, 15 a 18 de agosto de 1968
- 6º Festival do Folclore, 10 a 16 de agosto de 1970
- 15º Festival do Folclore, 14 a 21 de agosto de 1979
- 17º Festival do Folclore, 09 a 16 de agosto de 1981
- 21º Festival do Folclore, 11 a 18 de agosto de 1985
- 22º Festival do Folclore, 10 a 17 de agosto de 1986

5º FESTIVAL DO FOLCLORE, 11 A 27 DE AGOSTO DE 1969

O Festival do Folclore de Olímpia foi pensado por professores dentro de uma escola, porém, se expandiu para a comunidade, que abraçou a ideia. Algumas lojas da cidade promoviam exposições de objetos folclóricos em suas vitrines, as quais vieram a fazer parte do acervo do futuro Museu de História e Folclore “Maria Olímpia”. O cartaz do 5º Festival retrata a Folia de Santo Reis um marco no Festival do Folclore de Olímpia.



7º FESTIVAL DO FOLCLORE, 09 A 15 DE AGOSTO DE 1971

Este cartaz nos mostra os elementos representativos do folclore, desenhado pelo professor Victório Sgorlon, onde a seguinte frase é impressa: “É uma necessidade social a aplicação do Folclore à educação, pois é uma contribuição do mais alto significado pela intenção formativa e pelo caráter de patriotismo que imprime.”, frase esta que expressa a essência educacional do Festival do Folclore abordado em todos os seus âmbitos.

Queremos explicar por que um festival conseguiu sobreviver por mais de seis décadas, como ele se tornou referência nacional, quem construiu essa história, qual é o papel dos grupos que participam, o que significa para o Rio de Janeiro ser o estado homenageado e por que encontros como esse são fundamentais para que a cultura popular continue viva.

O FEFOL mostra que preservar cultura não significa congelá-la no passado. Significa criar espaço para que ela continue sendo vivida.

E talvez essa seja a maior lição deixada por José Sant'anna: uma pesquisa feita com estudantes dentro de uma escola pode, quando encontra compromisso, continuidade e comunidade, transformar-se em uma das maiores celebrações da cultura popular brasileira.

Essa é a história que vamos conhecer.



MUITO ALÉM DE UM FESTIVAL

Quando falamos do Festival do Folclore de Olímpia, é comum imaginar apenas os grandes grupos ocupando o palco, com suas danças, músicas e figurinos. Mas o FEFOL é muito maior do que aquilo que acontece durante as apresentações.

Realizado na Praça de Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”, um espaço de 9,6 hectares, o festival reúne anualmente grupos folclóricos e parafolclóricos de diferentes estados brasileiros, transformando Olímpia em um grande ponto de encontro da cultura popular.

O festival tem uma missão clara: resgatar, preservar e manter vivas as manifestações da cultura tradicional brasileira. Mas faz isso criando oportunidades para que os próprios grupos se encontrem, convivam, troquem conhecimentos e compartilhem experiências.

Essa troca acontece de maneira muito particular. Os grupos não se encontram apenas no palco. Eles convivem nos alojamentos, no refeitório, nos espaços de confraternização e nas atividades espalhadas pela cidade. Assim, o festival cria uma verdadeira rede de intercâmbio cultural.

Uma tradição pode conhecer outra. Um grupo pode aprender com o outro. Um pesquisador pode encontrar uma manifestação que ainda não conhecia. Um jovem pode descobrir uma cultura diferente daquela que aprendeu dentro de sua própria comunidade.

É justamente essa convivência que transforma o FEFOL em um grande espaço de educação patrimonial e transmissão de conhecimentos.

A programação também ultrapassa as apresentações artísticas. O festival promove seminários e estudos sobre folclore, palestras com especialistas, oficinas de literatura e folguedos, atividades com brinquedos tradicionais, exposições de artes, artesanato, recitação de poemas, versos e contos, além de atividades voltadas às crianças.

Existe ainda a Peregrinação Folclórica, na qual os grupos participantes deixam o espaço principal do festival e percorrem estabelecimentos comerciais, órgãos públicos e outros locais da cidade. Dessa forma, o folclore não fica concentrado em um único palco: ele circula por Olímpia e encontra a população em seu cotidiano.

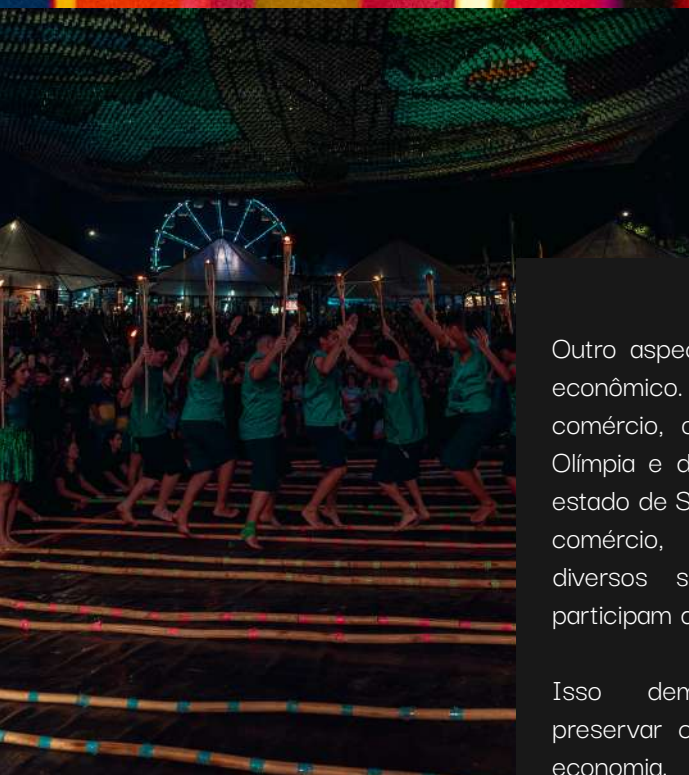
As crianças também possuem um papel importante. O Minifestival do Folclore envolve estudantes da rede pública municipal que, durante o ano letivo, estudam e praticam manifestações relacionadas ao estado homenageado. É uma maneira de fazer com que o conhecimento cultural não seja transmitido apenas como espetáculo, mas também como aprendizado.

O festival mantém ainda uma relação importante com a memória através do Museu de História e Folclore Maria Olímpia, onde visitantes podem conhecer o acervo e entrar em contato com diferentes aspectos da cultura popular brasileira.



Oribel
Vitalizando a Cultura





Outro aspecto fundamental é o impacto econômico. O FEFOL movimenta o comércio, o turismo e os serviços de Olímpia e de toda a região noroeste do estado de São Paulo. Hotéis, restaurantes, comércio, artesãos, trabalhadores e diversos setores da economia local participam desse movimento.

Isso demonstra algo importante: preservar cultura também movimenta a economia.

Quando uma cidade recebe grupos de diferentes regiões, ela recebe artistas, pesquisadores, estudantes, familiares e visitantes. Quando esses visitantes circulam pela cidade, consomem, hospedam-se, alimentam-se, compram artesanato e conhecem o território.

A cultura, portanto, gera conhecimento, pertencimento e também oportunidades econômicas.

Talvez uma das funções mais importantes do FEFOL esteja justamente em sua capacidade de dar visibilidade às manifestações que enfrentam dificuldades para permanecer vivas.

O próprio festival reconhece que muitas manifestações folclóricas estão em processo de desaparecimento. Para esses grupos, participar de um encontro como o de Olímpia representa uma oportunidade de continuar atuando, apresentar seu trabalho, transmitir seus conhecimentos e encontrar novas gerações interessadas em aprender.

Por isso, o FEFOL não é apenas um lugar onde o folclore é apresentado. É um lugar onde o folclore encontra condições para continuar existindo.





E esse talvez seja o maior significado de um festival que atravessa décadas: enquanto muitas tradições correm o risco de desaparecer, Olímpia cria um espaço para que elas sejam vistas, estudadas, compartilhadas e transmitidas. E há ainda um detalhe que torna tudo isso especialmente significativo: todas as atividades do festival são gratuitas.

Isso significa que o acesso à cultura não depende da capacidade de pagamento do público. Crianças, estudantes, famílias, pesquisadores, turistas e moradores podem participar dessa grande celebração da cultura brasileira.

No FEFOL, a cultura está no palco, mas também está na escola, no museu, nas ruas, nas oficinas, no artesanato, na pesquisa, na convivência e na memória. É por isso que o Festival do Folclore de Olímpia não é apenas um evento anual. É uma política permanente de valorização da cultura popular e um grande encontro onde o Brasil pode conhecer a si mesmo.

191 Mil Público Presente	112,8 Mil Visualizações	67,3 Mil Youtube	45,5 Mil Facebook	93,0 Mil Transmissão Palco	15,7 Mil Transmissão Minifestival	4,1 Mil Transmissão desfile	sábado, 8 de agosto de 2026 Dia com maior público presente
-----------------------------	----------------------------	---------------------	----------------------	-------------------------------	--------------------------------------	--------------------------------	---



Fefol

EM NÚMEROS

A força do FEFOL também aparece nos números. Em 2026, o festival registrou 191 mil pessoas presentes, além de 112,8 mil visualizações nas transmissões online. O dia 8 de agosto bateu recorde, com 38,8 mil pessoas presentes. Nas transmissões, foram 67,3 mil visualizações pelo YouTube, 45,5 mil pelo Facebook e 93 mil na transmissão do palco.

Mais do que números, esses dados mostram a dimensão que o FEFOL alcançou e a capacidade da cultura popular de reunir milhares de pessoas e chegar ainda mais longe pelas plataformas digitais.

RJ
Estado com mais grupos

Отде. Inéditos.



***NO ATO DAS INSCRIÇÕES:**

- 147 grupos inscritos — Recorde histórico
- 24 estados representados nas inscrições
- 5 regiões do país
- 70 grupos inéditos inscritos

Grupos por Região e Estado		INTEGRANTES	INÉDITO
REGIÃO			
☐ Sudeste		662	NÃO
☐ Rio de Janeiro		271	NÃO
	QUADRILHA JUNINA NAZARÉ SHOW	37	SIM
	ASSOCIAÇÃO CARNAVALESÇA DE BOIS MALHADINHOS	32	SIM
	MINEIRO PAU E BOI PINTADINHO DE PÁDUA	32	NÃO
	A BRILHANTE ESTRELA DE BELÉM	30	SIM
	CIRANDA DE TARITUBA	30	NÃO
	FERVO SHOW	30	SIM
	MANJEDOURA MIRIM DO K11	30	SIM
	REIZADO FLOR DA PRIMAVERA	30	SIM
	AFOXÉ MAXAMBOMBA	20	SIM
☐ São Paulo		241	NÃO
	CONGADA TERNO DE SAINHA IRMÃOS PAIVA	40	NÃO
	SAMBA LENÇO DE MAUÁ	40	NÃO
	CONGADA TRES COLINAS DE FRANCA	35	NÃO
	CORDÃO DOS BICHOS DE TATUI	30	NÃO
	FANDANGO DE TAMANCO CUITELO	30	NÃO
	REISADO SERGIPIANO DE GUARUJÁ	30	NÃO
	CIA DE REIS ESTRELA DA GUIA	20	SIM
	COMPANHIA DE REIS CANÁRIO DA TERRA	16	SIM
☐ Minas Gerais		90	NÃO
	CATUPÉ UNIDOS DE SANTA EFIGÊNIA	30	NÃO
	GRUPO FITAS	30	NÃO
	TERNO DE CONGO IRMANDADE DO MENINO JESUS	30	NÃO
Total		1503	NÃO

Grupos por Estado e Região



Projetos Municipais de Interesse Turístico de Grande Porte: Secretaria Municipal de Cultura e Defesa do Patrimônio

O Sudeste foi a região com maior número de grupos, e o Rio de Janeiro apareceu como o estado com maior participação, levando 9 grupos ao festival. Um encontro que transforma diversidade em convivência e faz de Olímpia um verdadeiro ponto de encontro da cultura popular brasileira.



Papel/papelão, Plásticos, Latas/metals, Orgânicos e Não recicláveis

Prefeitura Municipal de Estância Turística de Olímpia. Fonte: Secretaria Municipal de Cultura e Defesa do Folclore (Relatório de prestação de serviços Construtor)

Um festival que reúne milhares de pessoas também precisa pensar no impacto que deixa no território. Em 2026, o FEFOL demonstrou essa preocupação ao estruturar ações de gestão e triagem de resíduos, mostrando que cultura e sustentabilidade podem caminhar juntas.

Foram 260 lixeiras e 424 postos de trabalho, que possibilitaram a coleta de 21,40 toneladas de resíduos durante o festival. Desse total, 49% foram classificados como resíduos recicláveis potenciais, incluindo papel e papelão, plásticos e metais.

Mais do que números, essa iniciativa mostra que grandes eventos culturais também podem assumir responsabilidade sobre aquilo que produzem. A separação dos resíduos, a reciclagem e a destinação adequada ajudam a reduzir os impactos ambientais e estimulam o público a repensar seus próprios hábitos.

O FEFOL mostra que preservar a cultura também significa cuidar do lugar onde ela acontece. Afinal, não existe patrimônio cultural vivo sem comunidades e territórios saudáveis para continuar celebrando, criando e transmitindo suas tradições.



OS PROTAGONISTAS

DO FEFOL 2026

Desde 1985, a Quadrilha Junina Fervo Show faz da cultura popular uma forma de encontro, pertencimento e resistência. Nascida em Austin, Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, a quadrilha construiu sua trajetória em um território marcado por vulnerabilidades sociais e pela violência, onde o acesso a equipamentos e oportunidades culturais ainda é limitado.

Ao longo de quatro décadas, a Fervo Show atravessou gerações. Crianças, jovens, adultos e famílias passaram pelo grupo, levando consigo memórias, amizades, aprendizados e o sentimento de pertencer a uma comunidade cultural.

Para muitos jovens, especialmente aqueles que vivem em contextos de vulnerabilidade, fazer parte de uma quadrilha significa encontrar na arte um espaço de convivência, expressão e proteção.

É ali que muitos descobrem seus talentos, aprendem a trabalhar coletivamente, desenvolvem disciplina e encontram uma forma de transformar dificuldades em criação.

Em 2026, essa história chegou a um dos maiores encontros da cultura popular brasileira: o Festival do Folclore de Olímpia, o FEFOL, justamente na edição em que o Rio de Janeiro foi o estado homenageado.

A Fervo Show levou para Olímpia a força da cultura junina fluminense. E chamou atenção.

Seus figurinos, sua energia, sua organização e a precisão de suas coreografias despertaram a curiosidade do público.





E talvez seja essa a imagem mais bonita que a Fervo Show deixou em Olímpia: uma quadrilha que nasceu na periferia, atravessou gerações e chegou ao palco nacional sem deixar para trás suas raízes.

Durante as apresentações e nos espaços do festival, eram frequentes as pessoas que se aproximavam para fotografar, observar os detalhes dos figurinos e conhecer melhor aquele grupo que chegava da periferia do Rio de Janeiro.

À frente da quadrilha está Uilames Lino Alves, presidente e diretor de arte, que assumiu a responsabilidade de conduzir uma história iniciada por seu pai. Sua trajetória demonstra como a cultura popular pode atravessar gerações e permanecer viva quando encontra pessoas dispostas a cuidar dela.

Na direção coreográfica está Mateus de Oliveira Nascimento, responsável pela construção dos movimentos e pela preparação artística que caracteriza as apresentações do grupo. A coreografia da Fervo Show é marcada pela organização, precisão e presença cênica, transformando a dança em espetáculo sem abandonar sua identidade popular.

Outro aspecto que torna a Fervo Show especialmente significativa é sua diversidade. O grupo é majoritariamente formado por pessoas negras e LGBTQIA+, que encontram na quadrilha um espaço de expressão, visibilidade e pertencimento.

Ali, a diversidade não é um detalhe.

Ela dança.

Ela ocupa o palco.

Ela cria.

Ela produz.

Ela costura.

Ela coreografa.

Ela interpreta.

Ela lidera.

E, principalmente, ela mostra que a cultura popular também é construída por corpos e histórias que durante muito tempo foram invisibilizados.

A Fervo Show representa uma quadrilha que compreende a cultura como uma ferramenta de transformação social. Seus ensaios e apresentações são apenas uma parte de um processo muito maior, que envolve convivência, formação, criação artística e fortalecimento de vínculos.

Por isso, chegar ao FEFOL depois de uma trajetória iniciada em 1985 possui um significado especial. Não era apenas uma apresentação.

Era a chegada de quatro décadas de história a um dos maiores palcos da cultura popular brasileira.

Era Austin chegando a Olímpia.

Era Nova Iguaçu chegando ao encontro de diferentes sotaques culturais do Brasil.

Era uma quadrilha periférica mostrando que a excelência artística também nasce onde muitas vezes faltam recursos, infraestrutura e oportunidades.

E talvez seja essa a imagem mais bonita que a Fervo Show deixou em Olímpia: uma quadrilha que nasceu na periferia, atravessou gerações e chegou ao palco nacional sem deixar para trás suas raízes.



Porque a Fervo Show não dança apenas para competir. Dança para continuar existindo.

Dança para seus jovens.

Dança por sua comunidade.

Dança por sua história.

Dança por aqueles que vieram antes.

E dança para provar que, quando existe cultura, talento e oportunidade, a periferia não apenas participa da história: ela sobe ao palco e escreve a sua própria história.

UILLAMES

uma vida dedicada à arte e à transformação através da cultura





A trajetória de Uilames Lino Alves se confunde com a própria história da cultura popular na periferia de Nova Iguaçu. Educador cultural, artista, produtor e agente de transformação, ele construiu sua caminhada em diferentes linguagens artísticas, passando pelo carnaval, teatro e cultura popular, sempre com o compromisso de criar oportunidades e fortalecer aqueles que fazem cultura nos territórios.

Ao longo de sua trajetória, Uilames também atuou como carnavalesco e diretor de teatro e idealizou o Benny Ray, evento dedicado à valorização da cultura negra, reafirmando sua atuação na promoção da identidade, da diversidade e da cultura afro-brasileira.



Hoje, como presidente e diretor de arte da Quadrilha Junina Fervo Show, Uilames está à frente de um grupo que há décadas mantém viva a tradição junina em Austin, Nova Iguaçu. Sua presença nem sempre aparece no palco, mas está em cada detalhe: na organização, na preparação dos artistas, na concepção visual, na disciplina do grupo e na construção de uma apresentação capaz de representar a periferia com qualidade e dignidade.

Seu trabalho também ultrapassa os limites de uma quadrilha. Uilames atua na defesa do acesso à cultura e na construção de espaços onde crianças e jovens possam encontrar na arte uma alternativa, um pertencimento e uma possibilidade de futuro.

Para ele, cultura não é luxo. É ferramenta de transformação social.

Sua bandeira é a de que a arte pode alcançar pessoas antes que a violência, a exclusão e a falta de oportunidades determinem seus caminhos.

Por onde passa, Uilames deixa uma marca que nem sempre aparece nos créditos, mas pode ser percebida nos artistas que orienta, nos jovens que acolhe e nas histórias que ajuda a construir.

Nascido para a arte e escolheu fazer dela uma forma de resistência. Porque, para Uilames Lino, levar cultura para a periferia é também lutar por dignidade, por oportunidades e, acima de tudo, por vidas.



A RAINHA

Melissa Morelli

Aos 20 anos, Mateus Nascimento já ocupa um lugar de destaque na cultura junina fluminense. Coreógrafo da Quadrilha Junina Fervo Show, ele transforma juventude em criação, técnica e expressão artística, mostrando que a cultura popular também é espaço para formação e protagonismo de novos talentos.

Nesta temporada, Mateus também assina a construção artística da rainha Melissa Morelli, que conquistou o público por onde passou. Em Olímpia, ela ganhou um apelido que ficou marcado entre os espectadores: "a Loira". Com presença cênica, energia e carisma, Melissa levantou a plateia e chamou atenção durante as apresentações da Fervo Show. O figurino da personagem, inspirado em Cumadi Sebastiana, a Costureira de Sonhos, completa uma interpretação construída com criatividade e identidade.

O trabalho de Mateus representa algo maior do que uma coreografia. Em uma realidade em que muitos jovens periféricos encontram poucas oportunidades para desenvolver seus talentos, a quadrilha se transforma em escola, palco e espaço de pertencimento.

Seu percurso mostra que investir em jovens artistas é também investir na continuidade da cultura. Aos 20 anos, Mateus já não é apenas uma promessa: é parte da geração que está mantendo a cultura popular viva, renovada e pronta para ocupar novos palcos.



Aos 20 anos, Mateus Nascimento mostra a força de uma nova geração da cultura popular





Quando tentar de novo muda tudo

Aos 18 anos, Vitória, moradora de Três Fontes, em Austin, descobriu na Quadrilha Junina Fervo Show uma experiência que foi muito além da dança. Convidada por um amigo a participar do grupo, ela chegou sem imaginar a dimensão do universo junino e conta que só compreendeu a grandeza do FEFOL quando esteve em Olímpia.

Jovem aprendiz no Banco do Brasil, Vitória precisou conciliar trabalho e ensaios durante toda a temporada. Saía diretamente do trabalho para encontrar o grupo, mantendo uma rotina de disciplina, compromisso e dedicação.

No início, ela acreditava que não levava jeito para dançar. Mas insistiu. E foi justamente essa experiência que lhe deixou uma das maiores lições: às vezes, aquilo que parece não ser para nós precisa apenas de uma segunda tentativa.

Em Olímpia, Vitória também se encantou com a forma como o FEFOL recebe os grupos e com a acessibilidade do festival. A experiência despertou nela um novo interesse pela cultura popular e pelo universo das quadrilhas.

Hoje, ela não apenas dança. Acompanha, pesquisa e se interessa cada vez mais pelo mundo folclórico junino.

Sua história mostra como a cultura pode abrir portas inesperadas. Uma jovem que entrou em uma quadrilha por convite de um amigo descobriu novos talentos, conheceu uma das maiores celebrações do folclore brasileiro e encontrou uma nova paixão.

Às vezes, uma oportunidade cultural não muda apenas o que fazemos. Muda aquilo que passamos a acreditar que somos capazes de fazer.



A cultura amplia horizontes

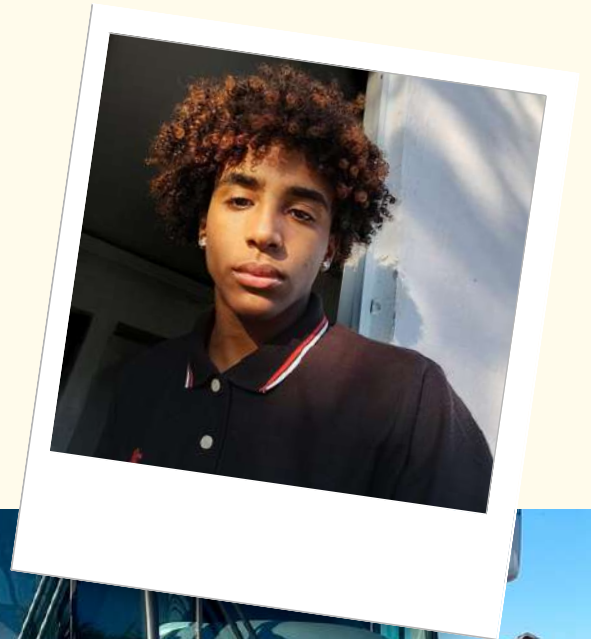
Aos 17 anos, Jhonathan Willian, morador de Queimados, na Baixada Fluminense, encontrou na Quadrilha Junina Fervo Show uma experiência que ampliou seus horizontes. Ele conheceu o grupo na escola, por meio de amigos que já participavam, e entrou para a quadrilha em abril de 2026. O desejo, porém, já existia desde 2024.

A identificação foi imediata. Na quadrilha, Jhonathan encontrou um espaço onde se sente livre, feliz e acolhido. Mas ele ainda não imaginava que aquela decisão o levaria para uma experiência muito maior.

Sua primeira viagem para fora do estado do Rio de Janeiro foi justamente para Olímpia, onde participou do FEFOL. Ele conta que não tinha ideia da dimensão do festival e se emocionou ao descobrir a estrutura que aguardava os grupos.

O que imaginava ser uma apresentação simples transformou-se em um grande espetáculo, com uma estrutura profissional e até transmissão pela televisão e pela internet.

A cidade também o surpreendeu. Jhonathan se encantou com Olímpia, que considerou muito bonita e limpa, e, como muitos jovens que visitam o município, ficou especialmente empolgado com o Thermas dos Laranjais.



A viagem de aproximadamente 14 horas também trouxe preocupações, principalmente com os gastos e as dificuldades de uma longa estrada. Mas a experiência mostrou a ele outro aspecto importante da quadrilha: ninguém está sozinho. Os integrantes se ajudam, dividem responsabilidades e enfrentam juntos os desafios.

No palco de Olímpia, diante de uma estrutura que jamais havia imaginado conhecer, Jhonathan viveu um momento que ficará marcado em sua trajetória.

Sua história revela uma das dimensões mais bonitas da cultura popular: ela pode levar um jovem de Queimados a conhecer lugares que nunca imaginou visitar, descobrir novas possibilidades e perceber que seus sonhos podem ocupar espaços muito maiores do que aqueles que conhecia.

Victor elegância e presença no palco

Aos 17 anos, Victor Leandro da Silva Oliveira, estudante e morador de Austin, encontrou na Quadrilha Junina Fervo Show um espaço para descobrir novas possibilidades através da arte. Entrou no grupo em 2024 e, no ano seguinte, deu vida à personagem Victoria Mendes, iniciando uma trajetória de destaque dentro da quadrilha.



Em 2026, sua experiência ganhou uma nova dimensão ao participar do FEFOL. Victor imaginava que encontraria uma grande feira cultural, mas não esperava a dimensão do evento, a quantidade de grupos e, principalmente, o intenso intercâmbio entre diferentes manifestações da cultura popular brasileira.

Neste ano, interpretando a viúva, Victoria conquistou o público com uma performance marcada por presença, sensibilidade e carisma. Para Victor, uma palavra resume sua experiência em Olímpia: único. Segundo ele, foi algo que jamais havia visto em outras apresentações.

Durante o desfile de encerramento, o público também se tornou parte da experiência. Pelas ruas de Olímpia, Victoria recebeu carinho e admiração de pessoas encantadas com os figurinos e com a apresentação. O peso e o calor da roupa, que poderiam representar cansaço depois de tantos dias de festival, naquele momento perderam importância.

Ali, diante dos olhares do público, Victoria era mais do que uma personagem.

Era protagonista de sua própria história.

A trajetória de Victor revela como a cultura popular pode oferecer aos jovens muito mais do que um palco: pode proporcionar identidade, liberdade de expressão, novas experiências e a oportunidade de descobrir que também podem ocupar lugares que antes pareciam distantes.





Aos 31 anos, Elisa de Souza Monteiro Leite, maquiadora e moradora de Engenheiro Pedreira, em Japeri, conheceu a Quadrilha Junina Fervo Show durante uma apresentação em 2025. O que começou como um encontro com a cultura popular rapidamente se tornou uma experiência de acolhimento e pertencimento.

Para Elisa, a Fervo Show é também uma forma de terapia, um espaço onde encontra alegria, convivência e liberdade para expressar sua arte. Ao viajar para Olímpia, imaginava que participaria de mais uma apresentação como tantas outras. Mas encontrou um festival muito maior do que esperava.



QUANDO A CULTURA FAZ A GENTE PERTENCER

Ela se encantou com a diversidade cultural reunida em um único lugar, com grupos de diferentes regiões compartilhando suas tradições e criando um verdadeiro intercâmbio cultural.

Levar sua arte, sua maquiagem e a cultura junina do Rio de Janeiro para outro estado foi, para ela, uma experiência inesquecível.

Elisa descobriu em Olímpia que viajar pela cultura também é levar um pouco de felicidade e, ao mesmo tempo, voltar para casa carregando novas histórias.

DE SERGIPE PARA OLÍMPIA





De Sergipe para Olímpia: um encontro de cores, memórias e tradições



Entre os brincantes está Zé Roberto, que interpreta Mateus, personagem tradicional do reisado. Com um figurino colorido, cheio de vida e movimento, o personagem ajudou a levar para as ruas e palcos de Olímpia a riqueza visual e simbólica da cultura sergipana.

A presença do Reisado Baile Estrela de Moita Bonita representa justamente aquilo que faz do FEFOL um encontro tão especial: a pluralidade. Grupos de diferentes estados chegam a Olímpia carregando sotaques, músicas, personagens, danças, figurinos e histórias próprias.

Com 19 anos de história, o Reisado Baile Estrela de Moita Bonita, de Sergipe, voltou ao Festival do Folclore de Olímpia para sua terceira participação.

O grupo já havia estado no FEFOL em 2010 e 2012, retornando agora para reencontrar o público e compartilhar novamente uma manifestação que atravessa gerações.



Durante alguns dias, essas culturas se encontram, conversam e compartilham conhecimentos. E quem ganha com esse intercâmbio é todo o Brasil, porque conhecer a cultura de outros lugares também é uma maneira de compreender a diversidade do nosso próprio país.

Em Olímpia, cada grupo traz uma parte do Brasil. Juntos, eles revelam a dimensão, a riqueza e a diversidade da nossa cultura popular.

Oribel

Viabilizando a Cultura

A Associação Oribel é uma Organização da Sociedade Civil que atua nas áreas cultural e social, desenvolvendo projetos que têm como principal missão ampliar direitos, criar oportunidades e transformar realidades por meio da cultura, da educação, da informação e da participação social.

Nossa atuação acontece diretamente nos territórios, junto a crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, famílias, artistas e comunidades. Desenvolvemos projetos culturais, ações sociais, oficinas, atividades educativas, formação, teatro, literatura, cultura popular, patrimônio, música, dança e iniciativas de fortalecimento comunitário.

No campo social, trabalhamos também com grupos reflexivos, ações de prevenção, acolhimento, informação e conscientização, criando espaços de diálogo sobre questões que atravessam a vida das pessoas e das comunidades. Acreditamos que ouvir, orientar e criar espaços seguros de conversa também são formas de transformação.

Na cultura, atuamos para garantir que manifestações e artistas tenham espaço, visibilidade e oportunidades. Trabalhamos com quadrilhas juninas, Folias de Reis, teatro, literatura, música, dança, artesanato e outras expressões da cultura popular, valorizando principalmente aquilo que nasce nos territórios e é construído pelas próprias comunidades.

Nossa missão é fazer com que a cultura e as ações sociais cheguem a quem muitas vezes permanece distante das oportunidades, fortalecendo vínculos, estimulando talentos, preservando memórias e criando caminhos para que crianças e jovens possam enxergar novas possibilidades para suas vidas.

A Oribel acredita que transformação social não acontece apenas por meio de grandes estruturas. Ela começa quando uma pessoa encontra acolhimento, quando um jovem descobre seu talento, quando uma comunidade reconhece sua própria cultura e quando alguém percebe que também tem direito a sonhar.

É por isso que existimos: para transformar cultura em oportunidade, diálogo em mudança e projetos em ações capazes de impactar vidas.

 <https://oribel.org.br>



(21) 9 7286-0452



ASSOCIAÇÃO ORIBEL



CONTATO@ORIBEL.ORG.BR



@ORIBEL.ONG



@ORIBEL.ONG

@ORIBEL.ONG.RIO

Ajude
NOSSOS PROJETOS
CHAVE PIX

Associação Oribel

